

Documentaristas fazem eleição

Duas chapas - **Integração e Produção e Reflexão e Atuação** - disputam as eleições para a diretoria da Associação Brasileira de Documentaristas do DF (ABD-DF), que acontecerão na próxima segunda-feira, dia 31 de outubro. Embora a entidade tenha apenas 60 associados, a campanha vem ocorrendo num clima de muita disputa e polêmica. Afinal, quem ganhar o pleito, terá maior poder sobre a gerência do Ceprocine (Centro de Produção Cinematográfica), organismo ligado à ABD-DF, que detém significativo parque de equipamentos cinematográficos (uma câmera em 35mm, outra em 16mm, uma moviola e material de iluminação).

Para discutir os programas das duas chapas, ouvimos José Acioli (candidato à reeleição pela chapa **Integração e Produção**) e Márcio Curi (da chapa **Reflexão e Atuação**).

Integração e produção na proposta de Acioli

José Acioli Lima é físico, professor da Universidade de Brasília e um criador de filmes. Chegou ao cinema há cinqüenta e se revelou no I Festival de Cinema Super-8, do Sesc, onde apresentou A Meleca, Dilema e Meandros. Este ano foi escolhido melhor da mostra. Seu primeiro curta metragem em 16mm - *A Crulviana* - venceu o I Festival do Filme Brasíliaense, promovido ano passado. No momento prepara um livro sobre a Universidade de Brasília.

CORREIO - Por que a chapa que você encabeça tem o nome "Integração e Produção", se ela significa uma visão da ABD-DF em duas correntes?

Acioli - Não rompemos com o outro segmento da ABD-DF. Quêrmos integrar toda a comunidade cinematográfica de Brasília e unir nossa entidade às suas congêneres a nível nacional.

CORREIO - Mas houve uma ruptura dentro da entidade?

Acioli - Não é um rompimento. O que nos levou a formar uma chapa é a nossa concepção que nos diz que precisamos ter uma base de realização cinematográfica para podermos nos dedicar com mais vigor, as lutas políticas da entidade. Não rompemos com a tradição administrativa da ABD-DF.

CORREIO A sua chapa vem criticando os componentes da chapa concorrente em termos de atuação que eles fazem mais política do que cinema. Como é que isto se verifica?

Acioli - Com exceção do Vladimir Carvalho, os demais componentes da chapa Reflexão e Atuação há muito que não realizam filmes. A prova disto está no argumento de todos os prêmios do I Festival do Filme Brasíliaense foram ganhos por componentes de nossa chapa. Nossa ideia é dar oportunidade a todos para que participem efetivamente da realização cinematográfica. São nossos filmes que nos credenciarão às reivindicações políticas.

CORREIO Ao formar esta chapa, vocês romperam com a tradição política da ABD-DF, ou seja, com as

CORREIO: Mas a administração da entidade, atualmente, é uma composição dos dois segmentos?

Acioli: É verdade. E foi nestas gestões que conseguimos equipar a cidade, criando o Ceprocine e ministrando cursos para aperfeiçoamento teórico e prático dos associados da ABD. E, além disso, não se pode esquecer que exercemos todo tipo de ação política ligada à atividade cinematográfica. Nós fizemos representações em todos os eventos nacionais, como o Encine (Encontro Nacional de Cinema) e na Jornada Nacional do Curta Metragem. Neste momento, estamos totalmente absorvidos pela organização da II Jornada Nacional das ABDs, que acontecerá em Brasília, paralelo ao XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

CORREIO: Quer dizer que antes da sua gestão, a ABD era uma entidade desmobilizada?

Acioli: Pelo menos foi assim que eu a encontrei. Antes, os associados podiam ir a ABD, mas não iam. Hoje, vão. Antes, as assembleias aconteciam com 10 pessoas, hoje, acontecem com 40 e até 50 associados.

CORREIO: A grande crítica que se faz a esta eleição é que o associado pode votar, filmando-se a apenas 48 horas da votação. Um associado que coma contato com ABD 48 horas antes do pleito tem condições de dar um voto consciente?

Acioli: Esta proposta não é da nossa chapa. Na assembleia que decidiu as regras eleitorais, foi o estatuto da ABD é omissivo neste ponto, propusemos, depois de apresentar seis novos associados, que se encerrasse, naquela reunião, o prazo de filiação com direito a voto. Eles não aceitaram e propuseram o prorrogamento até 48 horas antes do pleito.

CORREIO: E vocês aceitaram esta proposta?

Acioli: Sim, ela foi aprovada por consenso.

CORREIO: O programa de vocês é criticado como "muito superficial"?

Acioli: Discordo. Acho que a beleza do nosso programa é o mais permanente na simplicidade. Sabemos que podemos realizá-lo. Não estamos prometendo mais do que podemos realmente fazer.

CORREIO: O programa da chapa Reflexão acusa a chapa Integração de praticar o "clientelismo" político junto a órgãos oficiais.

Acioli: Durante minha gestão tomei conhecimento de órgãos públicos que praticam o "clientelismo" político junto a órgãos oficiais. Mas não quero fazer uma crítica política à Fundação Cultural do DF, organismos com os quais tive oportunidade de negociar. Eu não conhecia nenhum deles. Só a Capes, que patrocinou o Curso Teórico e Prático de Cinema, que eu conheci e relacionei com o meu conhecimento e relacionamento. Como pratiquem "clientelismo" se não o checia as entidades, quem dirá os seus administradores. Dou até o exemplo. Um dia pedi apoio à ABD-DF para um de nossas promoções. Avisaram-me que deveria levar um ofício e entregar ao Fernando Adolfo, assessor de cinema da FOCDF. Dirigi-me ao cargo e cumprimentei o Fernando e disse: "Despedimo, dizendo que a mim dirigirá à sala do senhor Fernando Adolfo. Ele me respondeu: sou eu. Como, então, estou praticando "clientelismo"?

CORREIO: A chapa Reflexão e Atuação crítica na sua chapa a ênfase no produzir, em detrimento do pensar.

Acioli: De maneira nenhuma isto acontece. Temos uma preocupação até exagerada com o pensar o cinema. Tanto é que promovemos o Curso Teórico e Prático. Em um ano de gestão fizemos mais do que todas as gestões anteriores da ABD-DF.

Acioli: Quando entrei na ABD-DF

ignorava o passado da entidade. Tomei, então, conhecimento das circunstâncias da entidade com a Fundação Cultural. Para melhorar as condições de produção cinematográfica na cidade negociamos com todos os órgãos. Esses foram anunciados na assembleia. Inclusive a necessidade de buscar recursos capazes de dinamizar o equipamento que forma o patrimônio do Ceprocine.

Márcio Curi quer reflexão com atuação

Márcio Curi encabeça a chapa **Reflexão e Atuação**. Ele é montador e sua mais importante participação cinematográfica aconteceu no longa-metragem Meteorango Kid, O Herói Intergalático, de André Oliveira, filme independente, gerado na Bahia, que apaixonou o Brasil, em 1969. Márcio montou também, filmes de Vera Ferreira, Mário Paruti, Tuna Espinheira e Gal Varella. Foi assistente ou diretor de produção de filmes de Fernando Coni Campos, Renato Newman, Iberê Cavalcanti, além de fotógrafo de filmes Gonzaga, o Rei do Balão, curta-metragem de Tuna Espinheira. Dirigiu a ABD-DF no gestão 1978/79.

CORREIO: O que significa o nome "Reflexão e Atuação"?

Márcio: Este nome vem da ideia de que para fazer um trabalho coerente e consequente, precisamos refletir a problemática da produção cinematográfica inserida no contexto nacional. Para tal precisamos atuar em busca de um resultado maduro, criando condições de realização viáveis e o mais permanente possível. E isto tudo acontece num processo de reflexão, que se seguirá de novas etapas. Além do mais, nos preocupamos com a formação dos novos associados, para que se capacitem a liderar a Associação.

CORREIO: A chapa "Integração" critica sua chapa por ser composta de pessoas que fazem política retoricamente, deixando a realização cinematográfica em segundo plano.

Márcio: Esta crítica não procede. No meu caso, gostaria de lembrar que sou o único montador brasileiro que conseguiu montar filmes em Brasília. Já trabalhei em sete filmes. Se aprende no Colégio, Sobral Pinto e Maciel de Santo Amaro, três curtas de Tuna Espinheira, aqui em Brasília. Minha área - a montagem - é a problemática em si mesma. Atualmente, a montagem dos filmes é feita no eixo Rio-São Paulo. Gostaria apenas de lembrar ainda que o último filme que montei - O Clime Também Morre - do Tuna, foi premiado na Jornada de Salvador, em setembro último.

O vice-presidente de nossa chapa - Geraldo Moraes - está num processo de distribuição de seu filme A Difícil Viagem, longa-metragem de ficção, concluído ano passado, e realizado no Centro-Oeste. Ele tem um novo projeto de longa-metragem, com grandes possibilidades de ser con-



Márcio Curi

cretizado. Alberto Cavalcanti está atuando como fotógrafo de dois filmes de Vladimir Carvalho e desenvolvendo o projeto que reputo como o de maior envergadura depois dos filmes do Vladimir - o longa-metragem Teias Cerradas.

Os Marcos Mendes chegou de Paris, onde fez um curso de especialização em linguagem do cinema documental, e já está atuando. Recentemente, ele concluiu um vídeo tape sobre Redração Oral.

A Giocenda Caputo está participando como produtora dos filmes *Palmares e Hortas Familiares*, de Sérgio Moriconi, e de *Perseghini*, de Vladimir Carvalho e Sérgio Moriconi.

O Flávio Mattos é jornalista cinematográfico. Passou pela TV Bandeirantes, foi assessor em Brasília e prepara tese de mestrado sobre *A Iluminação na Fotografia Cinematográfica*.

O Ronaldo Duque está na direção de produção do Curta Coralina, de Vladimir Carvalho, e de *Perseghini*, de Sérgio Moriconi.

O Flávio Mattos é jornalista cinematográfico. Passou pela TV Bandeirantes, foi assessor em Brasília e prepara tese de mestrado sobre *A Iluminação na Fotografia Cinematográfica*.

O Ronaldo Duque está na direção de produção do Curta Coralina, de Vladimir Carvalho, e de *Perseghini*, de Sérgio Moriconi.

O Flávio Mattos é jornalista cinematográfico. Passou pela TV Bandeirantes, foi assessor em Brasília e prepara tese de mestrado sobre *A Iluminação na Fotografia Cinematográfica*.

O Ronaldo Duque está na direção de produção do Curta Coralina, de Vladimir Carvalho, e de *Perseghini*, de Sérgio Moriconi.

compreendemos que um associado, para atuar conscientemente, precisa conhecer bem sua entidade. A promoção de debates abertos é a forma que estamos encontrando para aproximar os novos associados do processo da ABD. Acreditamos que, com estes debates, apresentamos não uma alternativa paternalista, mas sim uma alternativa realista.

CORREIO: Se a Chapa Reflexão ganha em que nível manterá seus contatos com os órgãos oficiais?

Márcio: Vamos dialogar com os organismos oficiais de uma maneira positiva, procurando todas as possibilidades de trabalho conjunto, mas nunca negligenciando a necessária autêntica e independência da Associação.

CORREIO: A Chapa Integração diz que a ABD era uma entidade desmobilizada e que se revigorou na gestão Acioli.

Márcio: Esta afirmação revela desconhecimento da história da ABD. Sumariamente, gostaria de enumerar alguns fatos de extrema importância na história da entidade: na gestão 78/79, que foi presidida por mim, promovemos várias assembleias, além do processo contínuo de mobilização e organização. Esta mobilização configurou-se numa campanha junto à FOCDF e à Funarte (esta entidade era dirigida pelo Roberto Farrelra, atual presidente do Ceprocine), no sentido de solicitar uso produtivo de equipamentos que estavam encostados na cidade. Além dos equipamentos, elaboramos normas para sua utilização e um projeto de construção, que, porém, não foram autorizados. Promovemos um curso de cinema com o Centro de Criatividade, que foi muito importante. A FOCDF, porém, não nos ouviu. A partir daí, tivemos um protesto público, um protesto contra o desprezo com que a associação e a classe vinham sendo tratados. Nesta época, nos engajamos num movimento de entidades culturais, que culminou na criação da FOCDF. Por isto, o trabalho da ABD junto à Fundação ficou muito difícil. Pessoas ligadas à Embrafilme, porém, reconheceram que nosso projeto era excelente. Nenhum da ABD brasileira tinha proposto algo parecido. Nós detonamos a discussão dos pólos cinematográficos. Nesta época promovemos o I Encontro Nacional das ABDs. Alguns dias depois, os cineastas Marcelo Coutinho, João Facó e Pedro Anísio começaram a questionar nossa atuação. Diziam que discutíamos muito e realizamos pouco. Eles queriam produzir. A ABD reuniu, então, dez indivíduos a chapa formada por eles, sem apresentar oposição. E eles se elegeram. Porém, a gestão deles não deu os frutos esperados e acabou no processo de extinção. Nenhum dos que se elegeram sobreviveu. A diretoria se esfacelou e a entidade passou um ano sem recolher as mensalidades dos sócios. A ABD quase se dissolveu. Na gestão seguinte, Armando se inscreveu até reorganizamos a ABD e preparamos o II Encontro Nacional das ABDs, que ocorreu na gestão de Vladimir Carvalho. Sob a direção de Vladimir Carvalho, a entidade publicou um novo livro, hoje documento básico das lutas dos curta-metragistas, promovemos o I Festival do Filme Brasíliaense. Foi um evento riquíssimo, com a realização de apresentações seguintes: o Centrocine e o Curso Teórico e Prático, realizações da gestão Acioli, com nosso total apoio.